



# **JOANA BANANA**

*Cristina Porto*



Ilustrações *Alcy Linares*

**ea**  
editora ática

*Joana Banana*  
© Cristina Porto, 2001

Diretor editorial	<i>Fernando Paixão</i>
Editora	<i>Carmen Lucia Campos</i>
Editor-assistente	<i>Emílio Satoshi Hamaya</i>
Preparadora	<i>Maria Luíza Xavier Souto</i>
Coordenadora de revisão	<i>Ivany Picasso Batista</i>
Revisores	<i>Agnaldo dos Santos Holanda Lopes</i> <i>Liliane Fernanda Pedrosa</i>

ARTE	
Editora	<i>Suzana Laub</i>
Editor-assistente	<i>Antonio Paulos</i>
Editoração eletrônica	<i>Estúdio O.L.M.</i> <i>Eduardo Rodrigues</i>
Ilustração do personagem Vaga-Lume	<i>Eduardo Carlos Pereira</i>
Tratamento de imagem	<i>Cesar Wolf</i>

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P881j

Porto, Cristina, 1949-  
Joana Banana / Cristina Porto ; ilustrações de Alcy  
Linares. - 1.ed. - São Paulo : Ática, 2002.  
136p. : il. - (Vaga-Lume Júnior)

Contém suplemento de atividades  
ISBN 978-85-08-08166-0

1. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Linares, Alcy, 1943-. II. Título. III. Série.

09-3774. CDD: 028.5  
CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 08166-0 (aluno)  
ISBN 978 85 08 08201-8 (professor)  
Código da obra CL 731421  
CAE: 218608

2015  
1ª edição  
14ª impressão  
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.  
Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP  
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br  
www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



# JOANA BANANA

Um time de futebol só de meninas?  
Essa os garotos vão ter de engolir. Bem feito, quem  
mandou cutucar onça com vara curta!



Vitória-Régia x Espelunca,  
Brasil x Argentina na decisão final  
da Copa. Tudo num dia só.  
Haja coração!



Os espelunquenses não estão nem  
aí para as vitorianas. Dizem que vai ser de  
goleada! Ih, a bola já está rolando. Vamos  
ver no que vai dar essa história?



## Conhecendo **Cristina Porto**



*Cristina Porto nasceu na cidade paulista de Tietê, onde morou até os 19 anos. Depois, foi para a capital, estudou Letras, formou-se professora, deu aula, trabalhou em várias publicações infantojuvenis. Até que descobriu ser uma grande escritora. Escreveu um livro, depois outro, e outro e mais outro... Hoje ela tem mais de cinquenta livros publicados!*

*Além de divertir e emocionar os leitores com suas histórias, Cristina também gosta de cozinhar, viajar, ouvir música, cantar, namorar, enfim, curtir a vida.*

*E o futebol? Ela entende de futebol? Entende muito, gosta e vibra, tanto quanto a Joana Banana. É só conferir nesta história.*



# Sumário

<b>1. À espera do camisa 11</b>	<b>7</b>
<b>2. A casa-lar</b>	<b>10</b>
<b>3. Um porém desafinado</b>	<b>12</b>
<b>4. O plebiscito</b>	<b>16</b>
<b>5. A apresentação da camisa 11</b>	<b>18</b>
<b>6. A camisa 11 em ação</b>	<b>25</b>
<b>7. O doce sabor da vitória</b>	<b>29</b>
<b>8. A Banana Rosa de Santo Antônio</b>	<b>33</b>
<b>9. Um novo confronto</b>	<b>38</b>
<b>10. Os movimentos da nova rotina</b>	<b>42</b>
<b>11. Vitória: gestação e nascimento</b>	<b>46</b>
<b>12. A interferência inesperada</b>	<b>51</b>
<b>13. Tempo de sonhar</b>	<b>55</b>
<b>14. Interlúdio</b>	<b>59</b>
<b>15. Tempo de viver e sonhar</b>	<b>62</b>
<b>16. O clube dos vitorianos</b>	<b>66</b>
<b>17. Uma visita em sinfonia</b>	<b>71</b>
<b>18. A cabeça (sonhadora) no lugar</b>	<b>78</b>

<b>19. Contagem regressiva</b>	<b>80</b>
<b>20. À espera da grande festa</b>	<b>82</b>
<b>21. 13 de junho</b>	<b>86</b>
<b>22. Mahler, Bombom e Caramelo</b>	<b>93</b>
<b>23. A questão do sim ou não</b>	<b>98</b>
<b>24. O depois da festa</b>	<b>100</b>
<b>25. Férias, suor e saudade...</b>	<b>102</b>
<b>26. Agosto, mês do desgosto</b>	<b>106</b>
<b>27. Uma véspera mais que especial</b>	<b>109</b>
<b>28. Emoção em dose dupla</b>	<b>111</b>
<b>29. Primeiro tempo</b>	<b>114</b>
<b>30. Intervalo</b>	<b>117</b>
<b>31. Segundo tempo</b>	<b>118</b>
<b>32. A torcida verde-amarela</b>	<b>121</b>
<b>33. O dia seguinte</b>	<b>126</b>
<b>34. Epílogo</b>	<b>128</b>

# 1 À espera do camisa 11



— Olha lá, pessoal! Chegou o caminhão de mudança! Nossa! Como está carregado! Vasos de flores, camas, sofá, armários, fogão, geladeira, televisão... Ué... Mas cadê as pessoas?

— Calma, gente. Olhem, aquele deve ser o pai. Aquela, a mãe. E agora... Agora deve ser, agora tem que ser o nosso... o nosso camisa 11!

— Puxa, a gente custou tanto pra formar aquele timaço e, de repente, o Zito vem e diz que vai se mudar. Por essa a gente não esperava, hein?

— É mesmo! Foi um desfalque e tanto no time. Ponta-esquerda como o Zito vai ser difícil aparecer outra vez.

— Xi, pelo jeito esses pais não têm filhos. Eu nem estou ouvindo barulho de criança. Só faltava essa! A casa ficou desocupada um tempão e ainda vem uma família sem ponta-esquerda?

— Nem que seja um jogador de defesa, nem que seja goleiro, caramba! O que importa é que venha um jogador pro nosso time!

Eram dez carinhas cheias de expectativa, escondidas em cima da carroceria de um caminhão, um pouco afastado da casa que a nova família iria ocupar. Era um time que havia ficado sem o Zito e agora esperava desesperadamente pelo seu substituto.

Era uma rua calma, entre outras tantas, também calmas, ruas cheias de casas, praças cheias de crianças... Tudo isso fazia de Santo Antônio das Rosas um lugar alegre e aconchegante, que precisava urgentemente de novos craques...

O Espelunca Futebol Clube esperava ansiosamente por um deles para poder funcionar e brilhar naquele ano que estava começando. Ano novo e vida nova, com um time completo e entrosado, esse era o maior desejo de todos os seus dez jogadores.

— É. Pelo jeito a família não tem filhos mesmo. Já desceram pai, mãe, todos os móveis... Melhor a gente voltar pra casa, turma.





E o time desfalcado já ia se retirando desanimado, desolado, quando uma voz de mulher interrompeu o silêncio:

— Manoel do céu! Cadê Jo... Jo...

— Peraí, pessoal! A voz era de mãe. E a mãe falou Jo, Jo...

Outra vez a voz de mãe para aumentar ainda mais a expectativa da turma:

— Cadê Jo... Jo... Uaaaatchim! Virgem Maria, a gripe me pegou!

A expectativa havia atingido o grau máximo na cabecinha de cada um. O Espelunca já estava em ação, emplacando um gol de cabeça num lance primoroso de João, que havia rompido uma barreira de cinco adversários desde o início da grande área, driblando dois, dando um chapéu em outro... Dava para jurar, pela







expressão dos rostos, que naquele exato momento cada um imaginava uma jogada diferente, mas igualmente espetacular!

Mas outra vez a voz, desta vez sem a interrupção de espirros:

— Cadê nossa filha, Manoel? Será que ficou dormindo no caminhão? Joaaaaaana! Acorde, menina, que a gente já chegou na casa nova!

Por essa a molecada não esperava!

— O quêêê? Joana? Joana?

— Então, só pode ser uma Joana Banana, isso sim!

Dessa vez, em coro...

— Joana Banana, Joana Banana! Banana, banana e banana!

Foi essa a recepção que a pobre da Joana teve quando desceu do caminhão, esfregando os olhos, sem entender nada de nada. Parada no meio da calçada, em frente à sua nova casa, ainda meio zonzona, olhava de um lado para outro, tentando localizar de onde vinham as vozes.

— Já estou indo, mãe! Não precisa gritar desse jeito!

É, o pessoal não se conformava mesmo com a chegada de uma Joana no lugar de um João.

E o Espelunca, como é que ficava? Só que a Joana, coitada, continuava entendendo cada vez menos.

— Mas que coisa! Mal cheguei e já começaram a implicar comigo? Que negócio é esse de me chamar de Joana Banana? Ah, mas depois que a gente se acomodar vou tirar isso a limpo. Esses atrevidos vão ver só!

— Ande, menina, entre logo, que ainda temos muito trabalho pela frente!



## 2 *A casa-lar*



A casa da família Carvalho, de construção antiga, pintada de amarelo e azul, em tons claros, era térrea, grande e bem arejada. O jardim era pequeno, mas, em compensação, o quintal era enorme. Sorte de dona Teresa e seu Manoel, que adoravam lidar com a terra: ela poderia cultivar suas flores e ele, sua horta.

A família chegou e, aos poucos, foi ajeitando a casa: o sofá da sala mudou três vezes de lugar, até ficar na melhor posição e, em função dele, todos os outros móveis também foram mudando. Isso aconteceu com quase todos os cômodos da casa, menos com a cozinha, que já tinha definidos os lugares do fogão e da geladeira.

À medida que os dias iam passando, pai, mãe e filha também iam se ajeitando, ocupando o novo espaço e tomando posse de seus respectivos “cantos”.

Assim, a casa não demorou muito para ter o aconchego de um doce lar.

A maioria dos móveis tinha um valor afetivo: ou eram herança de família, como as cômodas, a cadeira de balanço, o lavatório, o porta-chapéu e as cristaleiras, ou tinham sido idealizados por seu Manoel.

Tudo isso criava um ambiente propício para aquecer, aconchegar... Quando dona Teresa estava na cozinha, às voltas com os quitutes que fazia sob encomenda, até quem passava na rua tinha vontade de entrar... Dava vontade de entrar e de não sair. E, por mais que o passeio estivesse bom, voltar para casa sempre era uma delícia.

Seu Manoel vivia dizendo:

— Foi muita sorte ter trabalhado a maior parte da minha vida numa fábrica de móveis, justo eu, que gosto tanto deles.

— Por que, pai? — retrucava Joana, toda vez, pois adorava ouvir a resposta.



— Ora, minha filha, porque eles podem dar conforto para as pessoas, que precisam de uma boa cadeira para sentar, uma boa mesa para reunir a família na hora da comida, uma ótima cama para dormir, um bom sofá ou uma boa poltrona para tirar um cochilo e esquecer da vida...

— O senhor adora fazer isso, né, pai? A poltrona da sala já está com a marca do seu corpo. Nem adianta a gente querer sentar, porque não se ajeita, não se acomoda. Parece até que ela fica dizendo: “Saia, sou do seu pai, só dele!”

— A mesma coisa vive me dizendo sua rede, filha...

Para completar o cenário, só faltava a companhia daqueles que sempre fizeram parte da vida de Joana: os animais. Com a morte do cachorro Farofa, a família resolveu dar um tempo para se recuperar da perda. Só que esse tempo tinha se alongado um pouco mais por causa da mudança para Santo Antônio.

E eles acabaram chegando, nem foi preciso ir atrás. Chegaram juntos, no mesmo dia, um pelas mãos de seu Manoel e outro pelas mãos de Joana. Ambos em uma caixinha de papelão, magrinhos e famintos.

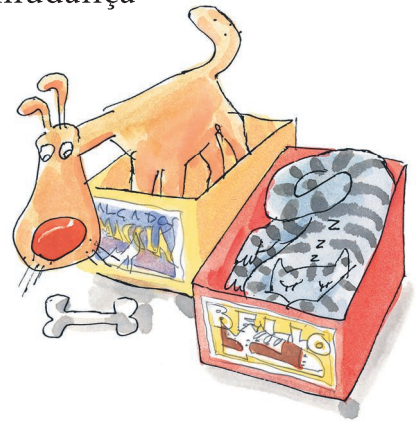
Pai e filha se encontraram quase na porta de casa, numa tarde chuvosa, e, quando um olhou para a caixa do outro, foi um riso só.

— Onde o senhor achou essa feiurinha, pai?

— Coitadinho, Joana, não fale assim dele. Estava abandonado dentro de uma lixeira, imagine! Ainda bem que miou mais alto quando eu passava, e o jeito foi trazê-lo comigo.

— Outra coincidência, pai! Este sarnentinho também estava no meio de um monte de sacos de lixo, o senhor acredita? E ganhava de um jeito que cortava o coração!

A reação de dona Teresa? Quase chorou de pena dos enjeitados!





— Vamos tratar dos dois e ficar com eles, claro. Criados juntos, desde pequenos, vão se tornar amigos.

Foi assim que Caramelo, o vira-lata que, apesar da sarna, mostrava bem forte o tom de sua cor, e Bombom, o gato magro e quase sem pelo, mas bonzinho que ele só, passaram a ter uma família. E, cuidados com tanto amor e carinho, em pouco tempo se tornariam irreconhecíveis.

Agora, sim, o lar da família estava completo.

— Quando a vó Rosa e o vô Teo voltarem, então, a nossa vida vai ficar mais alegre e mais completa!

Os avós de Joana, pais de dona Teresa, já moravam em Santo Antônio das Rosas há algum tempo, só que estavam viajando quando eles chegaram.

### 3 *Um porém desafinado*



Se o lar estava completo, a paz era parcial, pois Joana ainda continuava enfrentando aquele probleminha... No começo, era mais constante, depois foi rareando, mas, de repente, quando a menina pensava que a provocação tinha acabado, lá vinha a voz, mal punha os pés fora de casa...

— Joana Banana, Joana Banana, Joana Banana!

Naquela manhã, ao ouvir novamente os gritos, Joana perdeu a paciência.

— De noooooovo? Ah, não, assim já é demais! Não está dando pra aguentar! Desta vez eu descubro de onde vem essa voz! De hoje não passa!

E lá se foi ela.